

Caro companheiro Marivaldo Fernandes,



BRUNO GUERREIRO

A sua partida e a do José Carlos Pace naquele acidente foi um sofrimento amplificado

Na sua despedida certamente se formou uma corrente positiva refletida no rastro de boas memórias e você só pode estar bem. Foi um privilégio para a sociedade do automobilismo brasileiro tê-lo entre nós como piloto de competição, empreendedor e empresário de sucesso.

Trabalhando você alcançava os recursos para viver intensamente e cumprir o seu destino, conseguindo alimentar a paixão e desfrutar os mais fantásticos automóveis, sempre compartilhando com seus amigos e companheiros os seus carros de passeio, esporte ou de corrida. Jamais me esqueci daquele momento que vi pela primeira vez no Brasil o Mercedes 190 SL, aquele de capota removível. Foi o primeiro na minha lembrança entre tantos carros fantásticos que foram seus. Nos anos 1960, quem fosse para o Guarujá iria notar que o proprietário da frota era um apaixonado pelo automobilismo, pois cada ônibus tinha gravado o nome de um piloto famoso. Foi assim que eu soube quem você era e que os ônibus eram seus. Não poderia imaginar quanto da vida iríamos compartilhar, pilotando

nas pistas os mais fantásticos carros e tendo como companheiros os gênios que iriam escrever a história do automobilismo brasileiro.

No início era com Chico Landi, a quem, embora fosse nosso dileto amigo e companheiro, você chamava de “Seu Chico”, e para ele você era o “Murivardo”. Emprestando prestígio e muita sabedoria, ele foi importante no início da sua carreira.

Você mantinha o relacionamento tão bom com os chefes de equipes que guiou vários carros em praticamente todas elas, mas como um bom articulador, realizava seus planos sem compromissos de longo prazo com ninguém. Sendo assim, é impossível esquecer quanto os italianos da Jolly, o Piero Gancia e o Emilio Zambello, gostavam de você, ficando inesquecível aquele acidente na volta de apresentação nas 12 Horas de Interlagos de 1970, quando você se enroscou com o Opala do Pedro Victor de Lamare, destruindo o Alfa Romeo P-33, um dos melhores carros do Brasil.

Também não me esqueço de uma prova em Brasília na qual você ia participar com

o BMW do Eugênio Martins (equipe Cebem), que para alcançar o resultado desejado e ficar competitivo você deixou o meu chefe na Equipe Willys, Luiz Greco, falando sozinho, quando ele soube que você fretou um avião e mandou buscar pneus na Argentina. Ele não parava de resmungar no meu ouvido: “o Fiapo (como ele o chamava) ficou louco”. Outra forte lembrança que até hoje não me conformo foi quando nos escapou a vitória da Mil Milhas de 1967. Estava indo tudo conforme nosso plano, já havia amanhecido e nós liderávamos com o Mark 1 número 22, quando se partiu a correia da bomba-d’água, e o Luiz Pereira Bueno venceu com o Luiz Fernando Terra Schmidt a bordo do 21, tendo sido difícil para nós engolirmos o segundo lugar. Mas valeu.

A sua partida e a do José Carlos Pace, o “Moco”, naquele acidente foi um sofrimento amplificado, você não pode imaginar a amargura que foi para a nossa turma suportá-la, e logicamente para os amantes do automobilismo.

Há alguns anos participei com o Mário César de Camargo Filho, o “Marinho”, e Wilson Fittipaldi Júnior, do programa “Linha de Chegada”, com Reginaldo Leme e Lito Cavalcanti (imagens disponíveis no meu site). Foi um programa lindo, as memórias lavaram nossas almas e entre tantas revelações o Regi disse que em sua adolescência o carrinho de rolimã com que ele competia na rua era o de número 45. “Eu era fã do Marivaldo”, disse. E ele se tornou o mais renomado jornalista de automobilismo do Brasil.

Essa simples e sincera afirmação é a melhor referência que você pode tirar para avaliar quanto você foi querido pelos seus companheiros e importante para a história do automobilismo nacional.

Com saudades, estima e admiração do amigo de sempre,

Bird Clemente



ARQUIVO PESSOAL

Uma turma que acelerava forte: Greco, Bird, Marivaldo, Luizinho e Terra Smith

www.birdclemente.com.br